



## Estudo de caso – A interpretação do desenho infantil

Sebastião Santos

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

### Resumo

Numa sociedade em que procuramos encontrar certezas e formas de resolver as nossas preocupações do dia-a-dia, quando queremos a todo o custo aliviar e compreender a forma de pensar das nossas crianças, vão surgindo instrumentos que pela sua simplicidade passam despercebidos mas que podem ser muito úteis àqueles que trabalham diariamente com as crianças. O objetivo deste estudo foi identificar e compreender a utilização do desenho infantil como ferramenta de trabalho para uma possível intervenção. Assim, foi possível avaliar de forma direta e indireta o estado afetivo da criança e a forma como ela se coloca nos diferentes contextos diários.

**Palavras-chave:** Interpretação; Análise; Desenho infantil.

### Abstract

Contemporary societies look for certainties and ways to solve common daily concerns. There are very simple tools around us that most of the times remain hidden because they are very simple. These tools are ways into understanding how children think and ways into easing their thinking. The present study aims at identifying and understanding the use of children's drawings as a working tool for intervention. Children's drawings allow to directly and indirectly assess the child's emotional state as well as the child's positioning in several daily routines.

**Keywords:** Interpretation; Analysis; Children's drawing.

### Introdução

As sociedades, as culturas, as famílias tal como o indivíduo atribuem determinados valores a conceitos ou atitudes, misturados na amálgama do contexto em que acontecem os episódios diários das suas vidas.

O ser humano é um ser emergente, é um ser biopsicossocial e cultural. A história individual de cada sujeito faz parte de cada um, sendo no entanto uma parte mínima de tudo e de todos. Cada momento é único e jamais será repetido, ele poderá ser

semelhante mas nunca igual, muito para além dos significados que atribuímos a esses momentos que podem perdurar no tempo e na nossa conceção de mundo.

O ser humano está em constante processo de crescimento, a partir das relações e das inter-relações criadas com os outros e o meio envolvente.

## **Família**

A família é um microsistema da nossa sociedade com relações internas e externas. Com o tempo a conceção de família foi-se alterando, porquanto existem variadíssimos tipos de família. Com o passar do tempo, a família foi tomando características muito próprias, como uma mescla que vai aumentando e cimentando as suas diferenças. Mas todos os tipos de família têm algo em comum, todas elas pretendem uma definição de limites e fronteiras com o próximo. A família é fundada numa relação consensual momentânea e dinâmica que evolui com o tempo, deixando marcas pessoais em cada um dos intervenientes.

O indivíduo faz parte da sua construção social, sendo assim a família tem um peso importante na construção social do indivíduo. O indivíduo é por natureza um comunicador, por sinais ou através de silêncios, a comunicação faz parte da nossa condição de ser social (Sim Sim, 1998), mas nem sempre é possível receber a informação de forma adequada e perceptível, assim vão surgindo novos instrumentos de informação que valorizam a comunicação. O desenho é um desses instrumentos, quando feito pela criança torna-se uma narrativa e um contributo do seu testemunho, o que poderá trazer-nos informação importante sobre o indivíduo e a sua família (Katz & Hanama, 2013; Kyung Kim & Hyun Suh, 2013).

## **Instrumento de análise**

O desenho infantil é uma ferramenta de mediação do conhecimento e autoconhecimento do indivíduo (Goldberg et al, 2005; Menezes, *et al.* 2008). O desenho é uma forma de comunicação tal como a linguagem é uma verbalização do pensamento, e apresenta-se dessa forma como um meio de comunicação. A sua importância não se reflete só pelo produto final, mas pela forma como se constrói, possibilitando a identificação da informação. Ao desenhar, a criança define um universo muito próprio, um universo simbólico (Araújo & Lacerda, 2008; Menezes, *et al.* 2008). A representação gráfica, como qualquer traço expressivo da personalidade, tende a

integrar-se na direção de um gradual processo de maturação psíquica. Portanto, através do desenho pode avaliar-se alguns aspetos do nível mental infantil. O que é descrito no desenho é relevante para definir o nível cognitivo da criança, (Kyung Kim & Hyun Suh, 2013), ele oferece elementos para a interpretação da personalidade e dos seus transtornos. Com efeito, as crianças emocionalmente perturbadas apresentam desenhos com características muitas vezes não encontradas nos desenhos das crianças saudáveis. Não são apenas os aspetos físicos da autoimagem que são projetados, mas também os psicológicos. E para as crianças com sintomatologia clínica, o desenho é um meio de libertação, apoiando-se nele para a expressividade de anseios, medos e angústias interiores. De outra forma, para as crianças saudáveis o desenho é, também ele, um meio de libertação e de expressão de conteúdos interiores.

Os desenhos refletem com muita sensibilidade o stress situacional, tratam do que se sente, não somente o que se vê. Para se perceber e alcançar essas nuances, é necessário um efetivo conhecimento da criança e das suas vivências. Para as crianças, é até mais fácil a expressão através dos desenhos do que pelas palavras.

As pessoas gostam de desenhar porque o desenho estimula o seu universo e reflete o seu eu. Nas crianças, o desenho é uma forma de ultrapassar determinadas barreiras, é um instrumento de comunicação e de expressão individual. Quando a criança desenha, ela escolhe o material com cuidado e reflete os seus desejos, dando-nos assim informação muita precisa sobre o indivíduo (Farokhi & Hashemi, 2011).

O desenho como técnica projetiva reflete uma impressão do “todo individual” como uma “gestalt” organizada. Não são necessários cálculos, porque tudo o que está no desenho, cada linha, cada parte nas suas relações com as outras partes, o aspeto total do desenho, apresenta um efeito unificado que se pode interpretar facilmente “num olho clínico experiente”. Quando observamos uma criança a desenhar, verificamos alguns procedimentos comportamentais que se tornam habituais, apesar das limitações das habilidades e estando de acordo com a sua faixa etária e do seu desenvolvimento (Barlow *et al*, 2003). A criança desenha o que lhe interessa, o que tem mais importância para si, representando o que sabe e o que sente do objeto. O desenho é uma forma de pensamento, em que o mundo interior se confronta e mistura com o mundo exterior, em que a transformação para o papel pode significar o desejo, o desejado e o real. É o resultado de uma expressão da realidade que envolve os aspetos cognitivos e emocionais do indivíduo (Pereira, 2005; Goldberg *et al*, 2005; Araújo & Lacerda, 2008; Menezes, *et al*, 2008).

## **Estudo de caso**

Onde há pessoas há comunicação, é um processo ativo de troca de informação, existe sempre uma forma de linguagem. O desenho é uma linguagem, é um meio de transmissão. A linguagem é usada para comunicar, para mostrar o que sentimos e o que vivemos, apresenta traços específicos (Sim Sim, 1998). O meio ambiente, o contexto com os seus significados define o caminho que a criança seguirá, a atividade pessoal da criança por vezes está oculta, o que torna muito difícil a compreensão do que a criança nos quer transmitir (Vygotsky, 1979). As condições e as oportunidades que vão surgindo ao longo do tempo para a compreensão de cada mundo que existe em nós, refletem a natureza dos processos complexos em que muitas vezes vivem as crianças. Assim, o objetivo deste estudo é compreender a relação entre o desenho infantil e o seu mundo, e contribuir para o estudo da natureza da aprendizagem humana e os seus processos específicos como é o caso da linguagem por meio do desenho. A comunicação é um ato ativo que envolve as várias habilidades comunicativas, pelo que urge utilizar as ferramentas disponíveis para facilitar a aquisição de conhecimento (Santos, 2009).

## **Caracterização do contexto familiar**

O desenho (fig-1) em análise é de uma menina de seis anos, do primeiro ano de escolaridade. Vive na cidade, num pequeno apartamento, conjuntamente com os seus pais, a mãe é professora (34 anos) o pai é vendedor/distribuidor (35 anos), e é filha única. A menina tem uma boa ligação com os pais, foi amamentada até aos três anos, metade da sua vida esteve muito “próxima” da mãe. Teve a sua primeira dentição ao primeiro ano de idade, iniciou os primeiros passos com um ano de vida. Dos quatro meses até ao primeiro ano de idade esteve numa creche. Até perfazer os três anos esteve com uma tia-avó, de seguida foi para o jardim-de-infância. No ano lectivo em causa, iniciou o primeiro ano de escolaridade. A menina nunca conheceu os avós maternos, e esporadicamente está com os avós paternos que estão separados.

## **Desenho**

A menina é muito curiosa e gosta de desenhar, é uma atividade que realiza muitas vezes. Para a análise do estudo foi escolhido um desenho sobre a família realizado no início do ano de escolaridade.

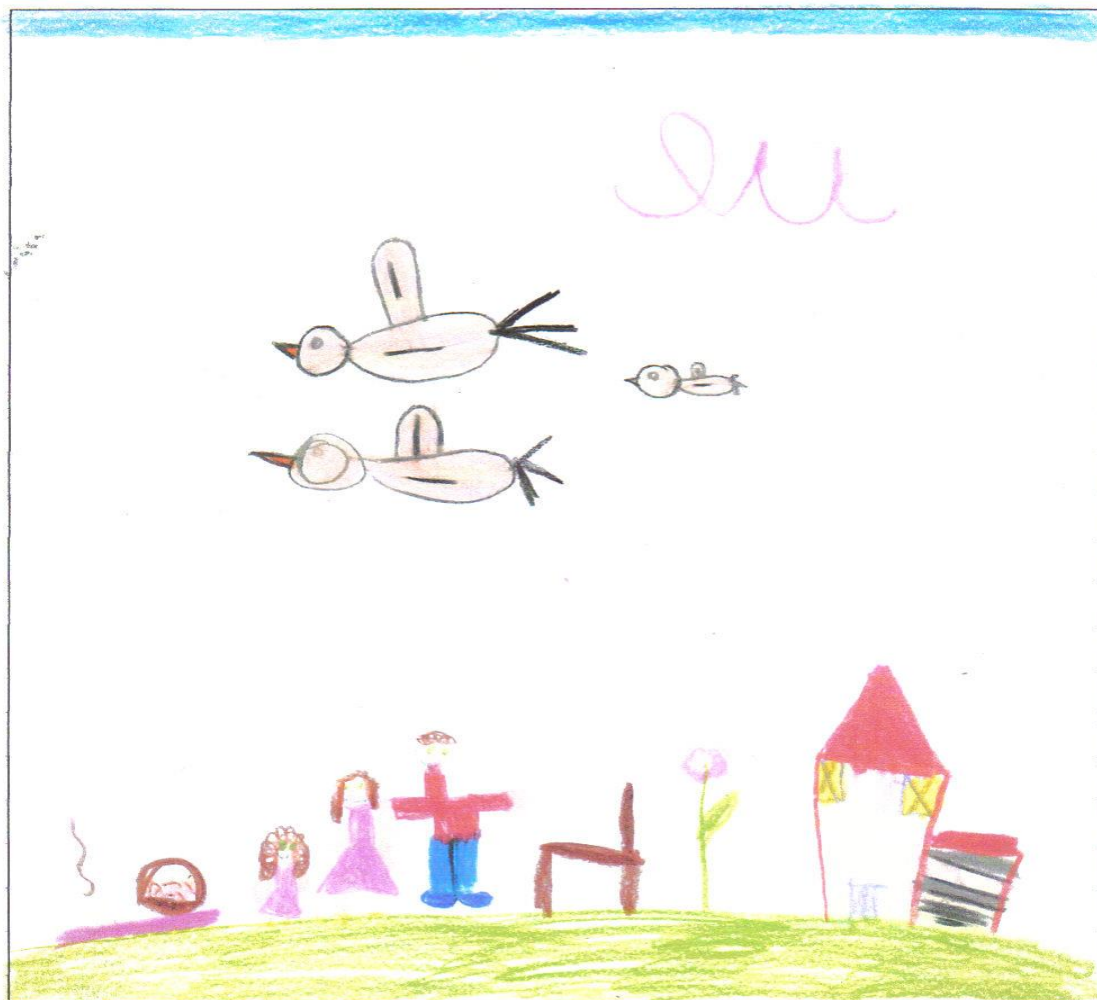
EB1 Infante D. Henrique

Estudo do Meio - 1º Ano

Nome Barbara Data 16/02/09



Desenha a tua família:



(Fig. 1 – Desenho da família realizado pela criança em estudo)

No desenho, observa-se a ocupação total da folha com traços suaves, com o céu e o chão definidos. A família está fora de casa, a realizar um piquenique, a filha encontra-se junto à mãe (provavelmente a pessoa mais importante), vestida da mesma forma e num tamanho menor. A menina revela um conceito definido quanto à figura humana.

A fase de desenho correspondente designa-se de realismo intelectual, o qual inaugura o início da intenção representativa. O princípio do realismo intelectual consiste na representação do maior número de elementos essenciais ao objeto representado,

deixando a cada um a sua forma exemplar. Muitas vezes, nesta fase, a acumulação de detalhes pode ir tornando o desenho menos realista. Contudo, no desenho que aqui passamos a analisar, apercebemo-nos da intenção realista plenamente conseguida, uma vez que os detalhes expressos não condicionam a representação efetiva de uma realidade. Para a maior parte das crianças com seis a sete anos, o desenho da casa, com flores, árvores define a normalidade, o conforto, a estabilidade emocional. (Farokhi & Hashemi, 2011). Esta fase recorre a procedimentos que vão contra o realismo perceptivo. Neste desenho, esta fase é também visível através dos pormenores que utiliza, do detalhe exemplar. Os elementos do desenho são situados em diferentes planos e escalonados de maneira a que cada um não fique oculto. A planificação está também existente no desenho, uma vez que vemos representados os objetos em projeção no solo, como se fossem vistos em linha reta.

De um ponto de vista interpretativo, é fácil a perceção de uma estrutura emocional estável e equilibrada, apoiada numa segurança familiar expressa através do colorido geral do desenho e das figuras parentais desenhadas de uma forma harmoniosa. De igual forma, a presença de detalhes agradáveis de teor positivo (flor, pássaros e o céu azulado) confirmam esta harmonia. Relativamente ao núcleo familiar, constata-se uma semelhante tranquilidade visível nas cores empregues e na natural hierarquia inerente à estrutura interna da família: a filha coloca-se num plano mais abaixo dos pais uma vez que ela está sob os seus olhares atentos. A mãe está mais próxima da filha por razões eventualmente relacionadas com o apoio e cuidados maternos. Por sua vez, o pai está mais afastado assumindo uma posição mais elevada, refletindo a eventual autoridade sociofamiliar que lhe é conferida. A casa desenhada na linha do solo, no seguimento do desenho das pessoas que nela habitam, é de grande importância para o diagnóstico, sendo assim desenhada como um sinal de estabilidade psíquica. Com efeito, há a indicação firme de contacto com a realidade e de estrutura emocional e familiar sustentada numa base estável. De acordo com Piaget (2006), os indivíduos dos 2 aos 7 anos estão no estágio pré-operatório, a criança acha que o mundo foi criado para si, a realidade é aquilo que a criança sonha e deseja e dá explicações de acordo com o seu mundo. Ao contrário dos indivíduos entre os 7 e 11 anos que estão dentro do período das operações concretas, já não se baseia na perceção imediata e começa a compreender a existência de características que se conservam, independentemente da sua aparência, a criança adquire assim a noção de conservação da matéria sólida, a

existência de conceitos vai permitindo compreender a relação parte-todo, fazer classificações, seriações e perceber a conservação do número. Observamos que o nosso estudo de caso se encontra no estágio seguinte. Existem crianças que se diferenciam pelo seu desenvolvimento, devido tanto ao seu contexto social como à sua gênese, o que se explica porque as crianças têm determinadas dificuldades em certos conteúdos, em certas fases de desenvolvimento e outras não. Nada ocorre por acaso, todos os fenômenos psíquicos estão inter-relacionados, e o indivíduo é um todo cujas partes são indissociáveis – nenhuma se esclarece sem que se estabeleçam as suas relações com o conjunto.

No desenho também observamos, junto à casa (com duas janelas e uma porta) uma flor. No céu, repete o papel da família com três pássaros a voar (pais e filho), em que a mãe pássaro voa mais alto que o pai pássaro e o filho pássaro vem atrás. Num ponto mais alto está um pequeno sol esbatido e a palavra “eu”. O desenho está estruturado como linguagem, tem uma linha de base, os indivíduos têm volume e distinguem-se os seus sexos, as figuras estão definidas com os respetivos pormenores. Existe um realismo no desenho com uma perspetiva de profundidade e distância. Denotam-se a consecução dos pormenores e o seu preenchimento, demonstrando ser exigente com o que faz.

No desenho existe uma afirmação de si mesma, com uma repetição flexível do esquema da família. Observando o desenho, verificamos que a menina tem um bom desenvolvimento maturacional, cognitivo e afetivo, estando na fase das operações concretas, apesar de revelar algumas características da fase seguinte, como referido. De acordo com Piaget (2008), na fase em que esta criança se encontra, denominada esquematismo, que se situa nos sete a dez anos, verificamos que existe uma acentuação das roupas que diferencia os sexos, característica da fase do realismo, na fase final das operações concretas, além de existir uma relação com a cor e o objeto, existindo uma compreensão do esquema da cor.

O desenho pode ser uma ferramenta muito útil de comunicação se for usado corretamente. Pode-se retirar informação sobre o seu desenvolvimento das percepções exteriores (Farokhi & Hashemi, 2011). Ao observarmos o desenho realizado pela menina verifica-se que existe o vínculo aos pais e define-se um processo de separação, construindo a sua individualidade, permitindo o afastamento dos pais, sabendo que se sente ligada a eles por vínculos seguros.

## Conclusão

A compreensão do desenho e a sua interpretação de forma isolada do contexto em que foi executado não tem qualquer sentido (Goldberg *et al*, 2005; Araújo & Lacerda, 2008), o indivíduo é o resultado das suas vivências. O desenho é uma linguagem, com determinadas características que o distingue de outras formas de linguagem, distingue-se pela sua globalidade e a possibilidade de percepção imediata, tendo, em conta a compreensão do mundo por cada indivíduo. O desenho traz-nos informação importante sobre o indivíduo e a sua família, (Kyung Kim & Hyun Suh, 2013), como referimos.

A percepção do mundo terá de ser tida em conta de acordo com a conceção do momento e o contexto do sujeito. Uma vasta informação psicológica é gerada a partir do desenho, já que nele a criança exprime a sua relação com o mundo entre outras coisas. Assim, também é importante ter sempre em atenção a primeira impressão que o desenho da criança nos causa (Farokhi & Hashemi, 2011).

O papel de qualquer profissional será estimular o processo criativo dos seus alunos, através de estratégias de motivação e adequação de metodologias pedagógicas, centradas na especificidade dos seus alunos. Também é de salientar, que é através do desenho que a criança acede a símbolos gráficos tão importantes em outras aprendizagens curriculares como a leitura e a escrita, apresentando-se ainda como um canal importante de socialização.

Neste estudo de caso temos a indicação de um crescimento harmonioso e saudável. Constatou-se que os dados observados no desenho refletiram “a indicação firme de contacto com a realidade e de estrutura emocional e familiar sustentada numa base estável”. O bom relacionamento com a mãe está presente e reforça o vínculo familiar. A importância das ferramentas que são facultadas a todos aqueles que no seu dia-a-dia trabalham com os jovens, não pode ser posta de parte, mas tem de ser tida em conta como instrumentos desencadeadores de processos de significação para a possibilidade de interpretar emoções, acontecimentos e momentos, para assim poder ajudar o desenvolvimento da criança.

O ensino do desenho deve visar não só a evolução do produto como do instrumento de comunicação. A informação que ele dá ao técnico da educação é importante para prosseguir a sua linha de trabalho. O desenho infantil é uma ferramenta de mediação do conhecimento e autoconhecimento do indivíduo (Goldberg *et al*, 2005;



Menezes, *et al.* 2008) já que nos traz informação importante sobre o indivíduo e a sua família (Katz & Hanama, 2013; Kyung Kim & Hyun Suh, 2013). Num mundo global toda a informação é necessária para consolidar e passar às próximas etapas de crescimento e de aprendizagem.

O desenho, tendo o poder da evocação e da interpretação da imagem visual, confrontando-se como forma de pensamento ao mundo interior e exterior da criança converge como um registo para o presente e o futuro na compreensão das dificuldades que as crianças possam ter na sua caminhada de aprendizagem.

### **Referências Bibliográficas**

- Araújo, Cláudia Campos Machado; Lacerda, Cristina Broglia Feitosa de (2008). Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. 13 (2) 186-12.
- Barlow, Claire; Jolley, Richard; White, David; Galbraith, David (2003). Rigidity in children's drawings and its relation with representational change. *Journal Experimental Child Psychology* 86 (124–152)
- Farokhi, Masoumeh; Hashemi, Masoud. (2011). The Analysis of Children's Drawings: Social, Emotional, Physical, and Psychological aspects. *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 30 (2219 – 2224).
- Goldberg, Luciane Germano; Yunes, Maria Angela Mattar; Freitas, Jose Vicente de (2005). O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. *Psicologia em Estudo*. 10 (1) 97-106.
- Katz, C. & Hamama, L. (2013). "Draw me everything that happened to you": Exploring children's drawings of sexual abuse. *Children and Youth Services Review* 35. (877–882).
- Kyung Kim, Jin; Hyun Suh, Joo (2013). Children's kinetic family drawings and their internalizing problem behaviors. *The Arts in Psychotherapy* 40 (206–215).
- Menezes, Marina; Moré, Carmen Ocampo; Cruz, Roberto Moraes (2008). O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. *Avaliação Psicológica*. 7 (2) 189-198.

- Pereira, Laís (2005). *O Desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso*. <http://portal.unesco.org/culture/en/files/29712/11376608891lais-kaucken-pereira.pdf>/ Acesso 14 de Outubro de 2009.
- Piaget, Jean (2006) *Seis Estudos de Psicologia*. Editora Forense Universitária (24ª edição).
- Santos, S (2009). As diferentes formas de comunicação na Educação. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. 4(2) 75-82.
- Sim Sim, Inês (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Vygotsky, L. (1979). *Pensamento e Linguagem*. Edições Antídoto. Lisboa.